

crises do século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 10 • 2010

«O poeta lembrar-se-á»  
Czeslaw Milosz: memoriar a Europa

Vera Margarida Coimbra de Matos

**Vera Margarida Coimbra de Matos**, Mestre em *Estudos Sobre a Europa: “As Visões do Outro”* pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Doutoranda em Altos Estudos Contemporâneos (História Contemporânea e Estudos Internacionais Comparativos) na FLUC. Bolseira de doutoramento pela FCT. Colaboradora do CEIS20. E-mail: veradematos@mail.pt.

## 1. Um poeta

*Não estejas seguro. O poeta lembrar-se-á.  
Podes matá-lo, outro nascerá.*  
Czeslaw Milosz<sup>1</sup>

Czeslaw Milosz (1911-2004), escritor de elevada intelectualidade, poeta de génio. Tão só poeta, insistia: a poesia tornou-o num ícone da literatura polaca do século XX e com ela recebeu o Prémio Nobel de Literatura (1980).

Nasceu em Szetejnie, Lituânia, na «outra Europa»<sup>2</sup>. Infante, viveu a Revolução Russa, a Primeira Guerra Mundial e a Guerra Polaco-Russa. Adulto, sobreviveu à Segunda Guerra Mundial, foi membro da resistência polaca e denunciou a sovietação da Europa Central e do Leste. Crítico da ingerência de Moscovo nos assuntos internos dos Estados, abandona a carreira diplomática ao serviço do Governo da República Democrática da Polónia e exila-se em Paris (1951). Vive em Maisons-Lafitte, aqui colaborando com a revista *Kultura* e publicando as suas prosas e poesias pelo Instituto Literário de Paris. A partir de 1960, reside nos Estados Unidos da América, leccionando a cadeira de Literaturas Eslavas na Universidade de Berkeley (1961-1980), seguindo-se dois anos de palestras na Universidade de Harvard (1981-1982). A queda da União Soviética representaria, para o poeta, o final do exílio.

Pereceu em Cracóvia a 14 de Agosto de 2004.

Czeslaw Milosz reflectiu sobretudo sobre a mecânica vivencial no leste europeu, subjugado pelos totalitarismos. Vivia-se, dizia, a degeneração da Europa: depois de moralmente destruída pelo nazismo, bipolarizava-se sem que o Ocidente sustivesse a descida dos Europeus do leste ao âmago da escuridão do século XX<sup>3</sup>. Desejou, por isso, contra todas as manobras totalitárias do esquecimento, encontrar a verdade, objectivo que o forçou, como gosta de salientar, a sondar de uma maneira séria o labirinto das coisas humanas<sup>4</sup>. Por conseguinte, se a obra milosziana possui uma dimensão regional vincada, a forte pensão filosófica e histórico-cultural das suas reflexões concedem-

---

<sup>1</sup> MILOSZ, Czeslaw – «Tu que desgraçaste». In MILEWSKA, Elzbieta; NEVES, Sérgio das (tradução e selecção) – *Alguns Gostam de Poesia. Antologia. Czeslaw Milosz e Wislawa Szymborska*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2004, p. 37.

<sup>2</sup> MILOSZ – *Otra Europa*. Barcelona: Tusquets Editores, 1981. No original polaco, o título literal desta autobiografia é «Europa Familiar» (*Rodzinna Europa*, 1958), apenas seguido na tradução italiana (*Europa Familiare*). O dualismo da expressão «outra Europa» tão só existe nas traduções espanhola (*Otra Europa*) e francesa (*L'Autre Europe*). Refira-se que a inerente ideia da dualidade europeia é típica dos anos 70 e 80, altura em que a questão da Europa do Leste se torna latamente perceptível. Em inglês (*Native Realm. A Search for Self-Definition*) e em alemão (*West und Östliche Gelände*), o termo Europa não consta sequer do título (cf. KARPINSKI, Wojciech – «Czeslaw Milosz un Enfant d'Europe en Quête d'Identité». In BACHOU, Andrée; CUESTA, Josefina; TREBITSCH, Michel (sous la direction de) – *Les Intellectuels et l'Europe de 1945 à nos Jours*. Paris: Publications Universitaires Denis Diderot, 2000, p. 123-124).

<sup>3</sup> MILOSZ – *Nobel Lecture* [em linha]. The Nobel Foundation, 1980. [9 de Dezembro de 2009]. Disponível em WWW: <URL: [http://nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/1980/milosz-lecture-en.html](http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1980/milosz-lecture-en.html)>.

<sup>4</sup> MILOSZ – «Préface». In BEAUVOIS, Daniel (édition de) – *Les Confins de L'Ancienne Pologne. Ukraine, Lituanie. Biélorussie. XVI-XX<sup>e</sup> Siècles*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1988, p. 9-10.

lhe uma escala universal paralela. Características que evidenciam o fim último da sua literatura: «Quando escrevo estou mais interessado em aprender a realidade do que a composição das palavras»<sup>5</sup>. Facto marcante, sublinhe-se, dado Milosz ser originário de um território profundamente marcado por multiculturalismos e nacionalismos, estes destruindo aqueles e reconfigurando permanentemente as fronteiras geopolíticas.

Esta circunstância coloca a interrogação: Czeslaw Milosz, polaco ou lituano? Quando nasceu, a Lituânia pertencia ao Império Russo. A Primeira Guerra Mundial trouxe-lhe a independência (1918). Guerras entre Polacos e Russos e o desejo da Polónia em restabelecer as fronteiras da antiga República das Duas Nações, federando-a com a Lituânia, fizeram com que a terra natal lituana de Milosz e a cidade da infância e da juventude, Vilnius, reintegrassem as fronteiras polacas (1922). O facto de afirmar que não provinha da Polónia, embora não renegasse a sua polonidade, demonstra como o país da infância era importante para si, apresentando-se, acima de tudo, como um lituano-polaco<sup>6</sup>. Facto quiçá inusitado para quem não esteja familiarizado com a complexidade histórico-diplomática da Europa báltica:

«Je dois avouer moi-même que c'est précisément l'étrangeté de la région d'où je viens et l'impossibilité de communiquer quoi que ce soit de son passé aux étrangers qui est mon obsession depuis le début de ma vie d'émigré. Car, interrogé sur mon pays d'origine, je ne pouvez pas répondre «la Pologne», même si l'on s'y attendait de la part d'un écrivain de langue polonaise. Il me faut ajouter que mes années scolaires et universitaires s'écoulèrent dans une ville qui, au cours de ce siècle, changea treize fois de mains, treize, j'ai compté»<sup>7</sup>.

Três pontos ulteriores enformam este discorrimento. Depois de uma primeira abordagem ao conceito milosziano de crise, demonstrar-se-á como este converge para a ideia da existência de duas Europas decadentes, posto o que concluir-se-á com uma reflexão em torno da possibilidade de regeneração através de uma Europa de pátrias.

## 2. Um mito em tempo de crise e de crítica – os *kresy* da Europa

A ideia de uma Europa em crise ou da decadência do Ocidente é uma controvérsia clássica da filosofia da História. A partir do século XIX, a problemática torna-se num tema de acuidade, assumindo a definição genérica de crítica e crise da modernidade<sup>8</sup>. Esta convicção seria de tal forma acerbadada pelas guerras mundiais de 1914 e 1939, a

---

<sup>5</sup> HUELTA, Alberto – «Entrevista com Czeslaw Milosz, Prémio Nobel de Literatura de 1980». *Brotéria*. Lisboa. nº 116(2) (1983) p. 174.

<sup>6</sup> Cf. PACKALÉN, Malgorzata Anna – «Interview with Czeslaw Milosz in Cracow, 10 December 2003» [em linha]. The Nobel Foundation, 1980. [9 de Dezembro de 2009]. Disponível em WWW: <URL: [http://nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/1980/milosz-interview.html](http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1980/milosz-interview.html)>.

<sup>7</sup> MILOSZ – «Preface»..., p. 9.

<sup>8</sup> Vide BAUMER, L. Franklin – *O Pensamento Europeu Moderno*. Lisboa: Edições 70, 1990. Vol. II. p. 267-287; TOURAINE, Alain – *Crítica da Modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994; RIBEIRO, Maria Manuela Tavares Ribeiro – «A Europa dos intelectuais nos alvares do século XX». *Estudos do Século XX*. Coimbra: Quarteto. Nº 2 (2002) p. 109-118.

grande depressão de 1929 e a assunção dos fascismos e totalitarismos que, por meados do século XX, os intelectuais estavam dominados por uma «obsessão da crise»<sup>9</sup>. Nesta altura, o mito dos confins da Europa prestava-se às necessidades críticas dos intelectuais da Europa de Leste.

Czeslaw Milosz não teorizou o conceito de crise. O seu trabalho de crítica da realidade na busca da verdade resultou num conjunto de considerações que permitem ensaiar uma interpretação do seu pensamento quanto à problemática das crises do século XX. As críticas à Europa, não poucas vezes alargadas ao Ocidente, resultam de reflexões profundas sobre a realidade particular da Europa do Leste e da mesma em relação à congénere ocidental. A problemática é abordada do ponto de vista da violência da História naquela região, levada ao extremo pelo nazismo e pelo comunismo: domínio externo, desaparecimento de nações e instalação de regimes de mascarada, censórios e policíarios.

No período entre as duas guerras mundiais, Milosz integrava-se, em termos literários, na corrente do catastrofismo, advogando que a ordem política e social estava degradada e que só um cataclismo socialmente catártico oferecia a esperança da regeneração. Desejava, por isso, consciencializar a Humanidade para a espiral de decadência em que entrara. Esta fase da juventude, marcadamente profética e apocalíptica<sup>10</sup>, foi vivamente influenciada pelos vaticínios e ideias cataclísmicas do poeta Óscar Milosz (1877-1939), seu tio e mentor, segundo o qual uma grande conflagração estaria iminente e que a mesma seria apenas parte do drama maior que se lhe seguiria. E, de facto, aconteceria a Segunda Guerra Mundial e o drama maior veio com a guerra-fria, isolando a Europa soviética<sup>11</sup>.

A partir dos anos 40, as reflexões de Milosz sobre o devir histórico revestem-se de uma objectividade analítica. Segundo o autor, o cientifismo produzia a ilusão e diluía o real num mundo dominado pela adoração cega da ciência e da tecnologia. Eis aqui o cerne da questão: o cientismo oferecia tentações que se tornavam muito perigosas «in those areas of Europe where degenerate ideas of dominion over men, akin to the ideas of dominion over Nature, led to paroxysms of revolution and war at the expense of millions of human beings destroyed physically or spiritually»<sup>12</sup>.

O conceito de crise de Milosz constrói-se sobre estas circunstâncias específicas, das quais deriva a percepção do decaimento e subalternidade dos sistemas políticos e societários do leste europeu. Imbrica-se, portanto, com a decadência a que o indivíduo é condenado pelos totalitarismos, matizando-se no desenraizamento pátrio e no esquecimento forçado e programado da memória histórica, substituída pela história nova do regime. Nesta lógica, para o autor, tanto o nazismo como o soviétismo constituem um foco de dimanação dos males do século, desde a homofobia até aos sistemas de uniformização étnico-cultural e de escravização política, social e intelectual. É esta «maladie d'une phase historique» que Czeslaw Milosz regista e contra a qual reage<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup>TOURAINÉ – *Crítica da Modernidade ...*, p. 196.

<sup>10</sup>Quando jovem estudante de Direito, Milosz co-fundou o grupo literário catastrofista Vanguarda de Vilnius, tendo por porta-voz a revista *Zagary* (1931-1934).

<sup>11</sup>MIŁOZ – *Nobel Lecture...*

<sup>12</sup>*Idem, ibidem.*

<sup>13</sup>KARPINSKI – «Czeslaw Milosz un Enfant...», p. 128.

O ensaio *La Pensée Captive* (*Zniewolony Umysl*, 1953) é sintomático. Milosz abre-o com um capítulo muito sugestivo: «Murti-Bing», título inspirado no romance *Insatiabilité* (1932), «un curieux ouvrage» de Stanislaw Witkiewicz (1885-1939) que «n'était qu'une étude de la décadence»<sup>14</sup>. Milosz define-o como uma profecia que «n'a cessé de se vérifier jusqu'au moindre détail dans une grande partie du continent européen»<sup>15</sup>. Temporalmente, a acção ficcional decorre por volta dos anos 30 ou 40 (Witkiewicz não precisa), altura em que o Ocidente era invadido por exércitos orientais; espacialmente, na Polónia, primeiro país invadido. O impacto foi devastador: os habitantes, expropriados da Arte, Filosofia e Religião, altas actividades do espírito, caíram no vazio. Milosz estabelece um paralelismo entre a narrativa e os acontecimentos históricos, equiparando o exército russo ao levantino e a expansão imperialista da União Soviética à do Extremo Oriente, tendo como idêntica decorrência o vazio intelectual, ideológico e axiológico. O facto de Milosz abrir o ensaio *La Pensée Captive* aludindo àquele romance evidencia um propósito específico: revelar as profundezas da degeneração que ocorria no leste europeu<sup>16</sup>.

Posto isto, vejamos porque o mito dos confins da Europa é um elemento articulador do discurso sobre as crises do século XX.

Para além da óbvia conotação geográfica, englobando os territórios da actual Lituânia, Bielorrússia e Ucrânia, os confins da Europa (*kresy*) possuem um simbolismo histórico-axiológico muito profundo. Por um lado, referem-se à zona fronteiriça da Polónia, em permanente reconfiguração geopolítica desde a medievalidade. Por outro, são povoados por sociedades multiculturais, remetendo para os valores da tolerância, muito embora, como prova a mutabilidade fronteiriça, o enfrentamento pelas soberanias territoriais (nacionais ou meramente políticas) fosse uma constante com o advento dos movimentos nacionalistas oitocentistas.

O mito dos confins projecta-se na existência de um lugar paradisíaco, embora este não exista *per se*. Tem de ser percebido, digamos, mitografado por alguém, normalmente por um grande literato, porquanto é através da literatura que a sua existência é demonstrada e perpetuada. A respeitabilidade social do descobridor faz com que este «paraíso» integre a geografia mítica de uma comunidade. Neste caso particular foi descoberto na Lituânia pelo poeta Adam Mickiewicz (1798-1855). Porquê ali e não na Polónia se Mickiewicz era polaco? Primeiro, porque a característica multiculturalidade da Lituânia era considerada como uma matriz da polonidade. Segundo, a Lituânia era, para os Polacos, parte natural das fronteiras da Polónia, embora estas fossem, na altura da génese do mito, psicológicas e não reais. Recorde-se que a República das Duas Nações, constituída pela Polónia e Lituânia federadas (1569), desaparecera do mapa político europeu em 1795, diluindo-se no Império Russo, no Reino da Prússia e na Monarquia dos Habsburgos. O mito que surgia visava criar e perpetuar uma afinidade/unidade afectiva. Todavia, e isto é importante, o «paraíso» parecia, desde a descoberta, perdível. Com efeito, parte do simbolismo advém do facto da Lituânia, com o seu conjunto de referenciais, constituir um território sobre o qual pairava a sombra

---

<sup>14</sup> MIŁOSZ – *La Pensée Captive. Essai sur les Logocraties Populaires*. 2<sup>e</sup> Édition. Paris: Gallimard, 1953, p. 22.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*, p. 24.

<sup>16</sup> O assunto será desenvolvido no terceiro ponto do artigo.

da ameaça e da destruição. A ameaça era exógena e não endógena, ou seja, procedia do imperialismo estrangeiro e não do pluralismo ético, religioso ou cultural<sup>17</sup>. Desta forma, a extraordinária coexistência de culturas e tradições, o enraizamento territorial e o decorrente sentimento de segurança, propriedades definidoras da polonidade, teriam uma função agregadora e diferenciadora<sup>18</sup>.

Decerto que o mito institui uma leitura idealizada das vicissitudes que ocorriam na região, motivadas pela animosidade nem sempre contida entre as nacionalidades. A idealização de uma coexistência venturosa deliberadamente sobreposta ao caos secular apresenta este paralelo com a coeva ideia da *Mitteleuropa*, especificamente com a matriz austríaca, apologista da convivência multicultural, com a Monarquia dos Habsburgos a tentar assumir um «idealizado papel de mediação» entre as diversas nações do Império Austro-Húngaro em detrimento da «noção de hegemonia política a partir de um centro»<sup>19</sup>.

Em suma, ao apelar à tolerância e ao respeito pela diferença, o mito dos confins afirma-se como um mito anti-autoritário, negando toda e qualquer ordenação da realidade social a partir de cima e abstractamente. Daí que a derrota histórica da Polónia o tenha transformado num discurso reactivo contra a acção aniquiladora dos nacionalismos e dos totalitarismos sobre os *kresy*<sup>20</sup>.

A utilização milosziana do mito valoriza a idílica coexistência dos pluralismos. Porém, Milosz fá-lo enfatizando o real recalcado, demarcando os confins enquanto espaço também de antagonismo e tensão. Esta recriação permite-lhe clamar reiteradamente pela unidade na diversidade, contrariando a mecânica da fragilidade e morte ali enraizadas pela História. Os acontecimentos que presenciou ao longo do século XX alimentaram a certeza de que a desterritorialização não era passageira, mas um traço da condição humana<sup>21</sup> (não por acaso, Milosz define expressivamente o século XX como o «século do exílio»<sup>22</sup>). Assim sendo, permanece fiel ao ideal de uma Lituânia liberta de conflitos sociais e de ódios nacionais, porquanto, como escreve Aleksander Fiut, «le pays de son enfance le fait songer aux avantages d'une société fondée sur les liens de voisinage, la bienveillance et la tolérance réciproques, le respect de la tradition et la symbiose avec la nature»<sup>23</sup>. Daqui decorrente, o mito é utilizado com o intuito de transmitir uma mensagem restauradora da fé no sentido da existência do Ser Humano e da inviolabilidade da respectiva dignidade e individualidade<sup>24</sup>.

---

<sup>17</sup> BLONSKI, Jan – «Les Confins: «Paradis Polonais» de Mickiewicz a Rymkiewicz». In BEAUVOIS, Daniel (édition de) – *Les Confins de L'Ancienne Pologne...*, p. 61.

<sup>18</sup> *Idem, ibidem*, p. 63.

<sup>19</sup> RIBEIRO, António Sousa – «Mitos e Realidades: a *Mitteleuropa* e os Seus Avatares». In RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord. de) – *Europa em Mutação. Cidadania. Identidades. Diversidade Cultural*. Coimbra: Quarteto, 2003, p. 51.

<sup>20</sup> MILOSZ – «Préface»..., p. 10.

<sup>21</sup> FIUT, Aleksander – «Dans ma Patrie: La Lituanie et Wilno dans la Poésie de Czeslaw Milosz». In BEAUVOIS, Daniel (édition de) – *Les Confins de L'Ancienne Pologne...*, p. 242.

<sup>22</sup> MILOSZ – *Banquet Speech* [em linha]. The Nobel Foundation, 1980. [9 de Dezembro de 2009]. Disponível em WWW: <URL: [http://nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/1980/milosz-speech.html](http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1980/milosz-speech.html)>.

<sup>23</sup> FIUT – «Dans ma patrie...», p. 246.

<sup>24</sup> MOZEJKO, Edward – «Between the Universals of Moral Sensibility & Historical Consciousness». In MOZEJKO, Edward (edited by) – *Between Anxiety and Hope: the Poetry and Writing of Czeslaw Milosz*. Edmonton: University of Alberta Press, 1988, p. 28.

Ao escrever sobre o desenraizamento, Czeslaw Milosz realiza um acto de cognição contra a lapidação mnemónica produzida pelos aparelhos censórios e propagandísticos dos Estados nazi e soviético, severamente sacrificantes da memória histórica. Destruída a essência dos *kresy* pelas políticas racistas e homofóbicas do nazismo e do estalinismo, opera-se, contra a finitude e a obliteração, a refundação memorialista do mito, ressurgindo como laço necessário de auto e hetero preservação e agnição<sup>25</sup>. O mito adquire, como se verifica nos trabalhos de Milosz, uma compleição mística, funcionando, como refere Jerzy Jarzebski, «par le fait même qu'il se tourne vers ce qui n'est plus et ce qui n'a plus aucune chance de renaître»<sup>26</sup>. Em termos concretos, o mito perdia a componente prática que incentivava à acção de produzir os confins, ou seja, de coexistir dialecticamente. Em meados de Novecentos, ele «ne sert qu'à comprendre les changements survenus dans la culture européenne du XX<sup>e</sup> siècle»<sup>27</sup>. Neste sentido, os *kresy*, mais do que a conotação com o país da infância ou um fenómeno cultural ou étnico representam a destruição da antiga Europa, do mesmo modo que o desenraizamento afectivo e o vazio intelectual se tornaram numa figura simbólica da situação do Homem do século XX<sup>28</sup>.

### 3. A «outra» Europa

No período entre as duas guerras, o comunismo surgia a muitos europeus do leste como a alternativa válida defronte à encruzilhada dos fascismos, autoritarismos e democratismos decadentes. A destruição dos antigos fundamentos cívicos e axiológicos da individualidade e da sociedade no contexto da Segunda Guerra Mundial, criando uma necessidade aguda de (re)orientação, veio apenas facilitar a permeabilização mais generalizada às filosofias teleológicas marxistas, preconizadoras de um Estado de direito universal. Milosz descrevia o comunismo, transmutação marxista, como um «spectacle d'hypnose collective»<sup>29</sup>. Pela promessa de redenção, pela difusão de uma crença e pela capacidade de conversão, o autor designa-o por «Nouvelle Foi»<sup>30</sup>. O conteúdo da mensagem era, *a priori*, cativante. A sua dialéctica da evolução explanava o devir histórico «en el momento en que el Universo se volvía demasiado difícil de concebir»<sup>31</sup> e facultava uma concepção simplista do mundo: a revolução do proletariado conduziria ao Progresso, identificado, em última instância, com uma sociedade sem classes e liberta do modo de produção capitalista<sup>32</sup>. Os doutrinadores faziam valer todos os auspícios ao compará-lo ao primeiro cristianismo. A metáfora é engenhosa, reclamando para o comunismo o dever mor de introduzir na nova fé a

---

<sup>25</sup> JARZEBSKI, Jerzy – «L'Évolution de l'Image des Confins dans la Littérature Polonaise Après la Seconde Guerre Mondiale». In BEAUVOIS, Daniel (édition de) – *Les Confins de L'Ancienne Pologne...*, p. 209.

<sup>26</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*, p. 210.

<sup>28</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 220.

<sup>29</sup> MILOSZ – *La Pensée Captive...*, p. 35.

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, p. 17.

<sup>31</sup> MILOSZ – *Orra Europa...*, p. 132-133.

<sup>32</sup> MILOSZ – *La Pensée Captive...*, p. 281.

Europa profundamente «pagã». Nesta lógica, o Partido Comunista era uma Igreja, «de la mesure où il saura canaliser les penchants irrationnels des hommes et les utiliser à ses fins, dépendent sa dictature sur le globe terrestre et la transformation du genre humain»<sup>33</sup>. Porém, «la philosophie de l'Histoire qui émane de Moscou est une philosophie-force»<sup>34</sup>. Se havia o bom pagão («quelqu'un dont on pouvait attendre qu'il se laisserait peu à peu convaincre de la justesse de l'orthodoxie»<sup>35</sup>), havia também os indivíduos indisciplinados, a cuja resistência se respondia com um esquema bem definido: «Créer les conditions nécessaires par la force»<sup>36</sup>. Nestas circunstâncias, apenas mediante a reflexão se poderia aspirar a dominar o bolchevismo<sup>37</sup>. E, de facto, se o nacional-socialismo era «intelectualmente inexistente»<sup>38</sup>, o comunismo autoprotégia-se sob uma ortodoxia hermética, intolerante a reflexões independentes e fazendo uso da «força nua»<sup>39</sup>, monopolizando/escravizando pensamentos e fundamentos. Deste modo, para Milosz, a morte ou o vaticínio da guerra nuclear (estava-se na guerra-fria) não eram a «maior desgraça que pode acontecer à Humanidade ou ao indivíduo». A «pior coisa» seria a «escravidão», perspectiva que o angustiava<sup>40</sup>.

Nas reflexões do autor, o termo escravidão remete para a concepção de uma Europa cativa, logo, em contínua degeneração ôntica e axiológica, por oposição à Europa ocidental, livre. Essa escravidão poderia revestir múltiplas fórmulas: *a*) a censura e a estandartização reflexiva; *b*) a supressão das liberdades políticas; *c*) a supressão do direito à autopreservação; *d*) a perda de raízes pela migração/deportação da pátria, pela destruição desta e de todos os elementos que remetem para a autognose e onticidade humana. Não era, todavia, um estado irreversível, pois seria possível encontrar um modo de fuga espacial (exílio) ou interior (dissimulação).

Com o ensaio *La Pensée Captive*, Milosz tornou-se no primeiro escritor a fazer uma análise bem ordenada e profunda sobre o sistema de aprisionamento imposto por Moscovo na Europa Central e do Leste<sup>41</sup>, demonstrando como o espírito humano trabalhava nas democracias populares para preservar o regime de escravidão e distender a política de desenraizamento guiada por Moscovo<sup>42</sup>. O autor caracteriza ironicamente esta degeneração com o adjectivo fantástica:

«Un habitant des pays occidentaux ne se rend absolument pas compte du fait que des millions de ses congénères, extérieurement, semblerait-il, plus ou moins pareils à lui, vivent dans un monde pour lui aussi fantastique que celui des habitants de Mars»<sup>43</sup>.

---

<sup>33</sup> *Idem, ibidem*, p. 280.

<sup>34</sup> *Idem, ibidem*, p. 298.

<sup>35</sup> *Idem, ibidem, cit.*, p. 18.

<sup>36</sup> *Idem, ibidem*, p. 35.

<sup>37</sup> *Idem, ibidem*, p. 146.

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>39</sup> HUERTA – «Entrevista com Czeslaw Milosz...», p. 182.

<sup>40</sup> *Idem, ibidem*, p. 181.

<sup>41</sup> MOZEKO – «Between the Universals of Moral...», p. 16.

<sup>42</sup> MIŁOZ – *La Pensée Captive...*, p. 15.

<sup>43</sup> *Idem, ibidem*, p. 118.

A «outra» Europa sobre a qual Milosz escreve era, em jeito de síntese, um deserto de ruínas<sup>44</sup>, destruída, primeiro pelo nazismo, depois pelo imperialismo soviético. A integridade geopolítica dos Estados reduzira-se a nada e as especificidades étnicas volatilizavam-se à medida que a repressão das liberdades se exacerbava em prol da uniformização ideológica, reflexiva e cultural. O autor conclui sarcasticamente:

«Undoubtedly, there exist two Europes and it happens that we, inhabitants of the second one, were destined to descend into the heart of darkness of the Twentieth Century»<sup>45</sup>.

Parte da realidade daquela Europa é explicada por Czeslaw Milosz através de duas metáforas. Referimo-nos às pílulas *Murti-Bing* e ao *ketman*, estratégias subliminares de resguardo face à ortodoxia impositiva, aptas à fuga interior, à dissimulação e, por conseguinte, à criação de uma forma de liberdade pessoal muito peculiar.

Milosz inspira-se no romance de Stanislaw Witkiewicz (*Insatiabilité*, 1932) para escrever sobre a lógica funcional das pílulas *Murti-Bing*. Têm a propriedade de serenar e tranquilizar, algo especialmente útil numa realidade que exige o servilismo político e intelectual. Quando ingeridas, cessam as reflexões metafísicas e ontológicas rastilhadas pela indignação. O dilema «ou bien mourir (physiquement ou spirituellement), ou bien renaître [...] par l'usage des pilules *Murti-Bing*»<sup>46</sup> parecia de fácil solução. Milosz é peremptório ao afirmar que as pílulas eram especialmente salvíficas para o intelectual. Melhor do que o trabalhador braçal, estava apto a criticar e a aperceber-se das incoerências da «Nouvelle Foi». Ademais, os escritores e os artistas eram fulcrais ao funcionamento do aparelho propagandístico totalitário, daí serem coagidos (os que conservam a lucidez no discernimento) a participar com o regime, obrando sob as directrizes do realismo socialista, um conjunto de signos laudatórios e doutrinariamente pedagógicos. Quando um intelectual independente optava por reproduzir as ideias oficiais isso demonstrava que sucumbira à estratégia de adestramento comunista: privar o reaccionário de condições de produção favoráveis, retirando-lhe leitores e a liberdade criativa e isolando-o num sistema socialmente partilhado. É aqui que se entende a mecânica funcional da pílula *Murti-Bing*: facilitar ao intelectual outrora independente a ilusória reintegração social e a redacção de obras reconhecidas e publicadas<sup>47</sup>. Até certo ponto, era uma sanção para o bulício interior suscitado pelo permanente debate centrado na questão: «Peut-on raisonner correctement, écrire de manière valable hors de *l'unique courant du réel*, dont la vigueur provient de son harmonie avec les lois historiques?»<sup>48</sup>. Com efeito, a situação piorava quando obrigado a deixar a simples crítica das imperfeições do capitalismo, que poderia ser honesta, para centrar-se no panegírico do regime. O intelectual necessitava agora de uma dose mais forte da pílula para suportar o sentimento de culpa advinda da participação no processo de

---

<sup>44</sup> MILOSZ – *Otra Europa...*, p. 295.

<sup>45</sup> MILOSZ – *Nobel Lecture...*

<sup>46</sup> MILOSZ – *La Pensée Captive...*, p. 24-25.

<sup>47</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 32-37.

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*, p. 32

inserção do país, feito província, na União Soviética e de reformulação da identidade histórica nacional de matriz europeia e judaico-cristã<sup>49</sup>. Contudo, a antiga matriz identitária perdurava, assaz enraizada e de hercúlea ab-rogação. Acontecia, então, o desdobramento interior, conduzindo a um estado de esquizofrenia ou apatia, ainda que dissimulado com uma actividade febril<sup>50</sup>. Apesar de tudo, as pílulas *Murti-Bing* constituíam uma mais-valia: «C'est préférable au tourment d'une rébellion stérile et d'un espoir indéterminé»<sup>51</sup>.

A encenação cívica constituía o segundo método de autopreservação, convertendo-se numa arte superior de vigilância do vocabulário, de gestos e modos. Milosz explica-a fazendo uma analogia com a civilização islâmica do Próximo Oriente, onde a encenação se transformara numa instituição permanente: o *ketman*. Sucintamente, consiste na capacidade individual em dissimular as convicções políticas ou religiosas tão só por não publicitá-las se trouxerem prejuízo ao próprio porque críticas da ordem estabelecida<sup>52</sup>. Milosz enumera as formas variadas que o *ketman* poderia assumir. Havia um *ketman* nacional que se traduzia no culto da Rússia: «Un écrivain qui n'a pas consacré au moins un ouvrage aux grands hommes de la Russie ou à la vie qui s'y déroule, et qui s'en est tenu aux thèmes de son pays, ne peut pas se sentir en pleine sécurité»<sup>53</sup>. Os que o praticavam execravam-na, considerando-a um país de bárbaros. Com o *ketman* da pureza revolucionária apoia-se o estalinismo, embora preconizando-se a reorientação doutrinária no sentido do leninismo. O *ketman* estético permitia que os intelectuais demonstrassem publicamente a sua aculturação russa enquanto privadamente executavam uma actualização cultural e europeia contínua. O *ketman* céptico é praticado por aqueles que descrêem da racionalidade do materialismo dialéctico como filosofia político-social. O *ketman* metafísico consistia na suspensão da convicção que atribuíam ao mundo um fundamento metafísico; era apenas tolerado aos que professavam o cristianismo e estava proibido aos artistas, considerados educadores da sociedade. Por fim, o *ketman* ético, segundo o qual o indivíduo demonstra cumprir a ética comunista apelante à responsabilidade individual na construção da sociedade sem classes e no triunfo da Revolução<sup>54</sup>.

Com a sua característica ironia, o autor coloca em vantagem o habitante do leste europeu perante o ocidental, «naïf comme un enfant»:

«Il ignore les perspectives que le *ketman* découvre sur la nature humaine. [...] Il ne soupçonnait même pas de quels trésors d'ingéniosité et de perspicacité psychologique il peut disposer lorsqu'il se trouve au pied du mure et qu'il lui faut faire preuve d'adresse ou périr»<sup>55</sup>.

---

<sup>49</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 39-41.

<sup>50</sup> *Idem, ibidem*, p. 45-47.

<sup>51</sup> *Idem, ibidem*, p. 47.

<sup>52</sup> *Idem, ibidem*, p. 91-92.

<sup>53</sup> *Idem, ibidem*, p. 96.

<sup>54</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 95-118.

<sup>55</sup> *Idem, ibidem*, p. 118-119.

Consequentemente, o *ketman* não só desenvolvia o intelecto, como libertava o intelectual do leste do padecimento da maleita «*taedium vitae*», típica do ocidental:

«Leur vie affective e spirituelle est trop dispersée [...]. Tout ce qu'ils pensent, tout se qu'ils sentent se volatilise comme une vapeur dans l'espace infini. La liberté est pour eux un fardeau. Aucune des conclusions auxquelles ils parviennent ne les engage: «Il peut être ainsi, mais il peut aussi en être autrement»<sup>56</sup>.

Esta circunstância resultava da pressão a que o comunismo submetia diariamente o indivíduo, permitindo-lhe encontrar – através de um duplo jogo dialógico entre si e o regime e entre o seu «Eu» farsante e o «Eu» essencial – o respectivo centro interior libertador, ou seja, o seu Ser. Esta era, pelas suas características incomuns, uma forma de liberdade muito particular e restrita<sup>57</sup>.

Milosz imputa ao Ocidente a decadência dos europeus orientais, sublinhando que não se imiscuira na busca de soluções para o problema do leste, quer no período mediado pelas duas guerras, quer no após Segunda Guerra Mundial. Acusa amargamente os governos ocidentais de manifestarem a sua benevolência somente «quando se trata para ellos de luchar contra un peligro que les amenaza, vertiendo indiscriminadamente la sangre de indígenas»<sup>58</sup>. Sem a obtenção dos créditos devidos, países como a Polónia ou a Lituânia careciam de recursos económicos para fortalecer o aparelho administrativo e económico, situação agravada com a instabilidade regional resultante da conflituosidade latente com a União Soviética. E assim, este conjunto geográfico constituía, «en resumen, la zona “mala” de Europa, y una de las regiones más “malas” de la mencionada zona»<sup>59</sup>, consideradas «des “parents pauvres”, des zones à demi coloniales»<sup>60</sup>. A desilusão face ao Ocidente é apresentada como um fenómeno estrutural, nomeadamente no que respeita à França. Escreve Milosz que «la leyenda napoleónica ha formado las costumbres políticas de los Polacos, siempre inclinados desde entonces a considerar que la libertad viene con el viento del oeste»<sup>61</sup>. Viria realmente? A Segunda Guerra começou porque o Ocidente condescendeu na militarização da Alemanha nacional-socialista. Posteriormente, não faltaria à promessa de auxílio militar caso a Polónia fosse atacada? Não teria conseguido derrotar as poucas divisões alemãs que invadiram este país? Como entender as decisões tomadas no pós-guerra em relação ao leste?<sup>62</sup> A Polónia não fora entregue «por el acuerdo de Yalta a los administradores de la parte oriental del planeta»<sup>63</sup>? No contexto da sovietação, não havia «muchas personas poco sensibles a la enfermedad de Europa, en particular de la Europa central y oriental»<sup>64</sup>? Por tudo isto, Milosz conclui: «una maldición sin remedio pesaba sobre aquel rincón

---

<sup>56</sup> *Idem, ibidem*, p. 120.

<sup>57</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 121-122.

<sup>58</sup> MILOSZ – *Otra Europa...*, p. 72.

<sup>59</sup> *Idem, ibidem*, p. 73.

<sup>60</sup> MILOSZ – *La Pensée Captive...*, p. 75.

<sup>61</sup> MILOSZ – *Otra Europa...*, p. 153-154.

<sup>62</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 318.

<sup>63</sup> *Idem, ibidem*, p. 298.

<sup>64</sup> *Idem, ibidem*, p. 223.

de Europa»<sup>65</sup>. A conduta do Ocidente suscita-lhe um remate incisivo, simultaneamente uma crítica à decadência moral, política e cultural da civilização ocidental:

«Ahora bien, de aplicarse el proverbio «cuando Dios quiere castigar a alguien, le quita el espíritu», uno no podía de sacar conclusiones»<sup>66</sup>.

Se a Europa do Leste degenerava, a ocidental vivia uma fase de torpor moral e cultural, facto que a colocava deliberadamente em risco porque a tornava pouco pertinaz na percepção do comunismo enquanto ameaça real para a civilização europeia. A produção cultural do Ocidente assentava no patrocínio de produções ligeiras, triviais, simplistas e de consumo imediato, não poucas vezes produzidas por indivíduos intelectualmente pobres para uma elite culturalmente estéril. A liberdade de que a sociedade ali beneficiava era subtilizada, sem haver um intuito superior que norteasse a actividade humana, transformando em simples quimera a expectativa criada entre os intelectuais do leste de que no Ocidente nascesse uma nova filosofia social que contivesse os germens da nova esperança<sup>67</sup>. Daí que Milosz indague:

«N'y a-t-il pas dans leur esprit un vide que l'on remplit avec un chauvinisme grossier, des romans ineptes et des films sans valeur artistique? [...] Que peut donc nous offrir l'Occident? Être libéré de quelque chose c'est beaucoup, mais c'est bien moins que d'être libre pour quelque chose»<sup>68</sup>.

Apesar das vicissitudes e da Europa ocidental depreciar o seu Oriente, Milosz considera que os europeus do leste seriam mais felizes do que os ocidentais. Apesar de viajarem e de viverem uma vida plena de prazeres sensuais e materiais não foram eles quem descobriu o tão desejado elixir da juventude, este entendido como o alto conhecimento das coisas humanas e, decorrentemente, a capacidade de (re)agir e de acalantar a esperança:

«[El] elixir de la juventud no es una ficción, justamente porque hemos visto el fondo de los infiernos de nuestro siglo. [...] El elixir es la certidumbre de que nuestro conocimiento de las cosas humanas no tiene límite y también de que no debemos jactarnos de nuestra importancia, pues cada una de nuestras realizaciones se desliza hacia el pasado, de modo que siempre somos los alumnos de un curso preparatorio. [...] A través de los desastres y las catástrofes, la Humanidad busca el elixir de la juventud, el de la vía filosófica, el de un ardor que sostenga la fe en la utilidad general de nuestro esfuerzo como individuos, aun si este, en apariencia, no cambia en nada los mecanismos del mundo. No se puede descartar la posibilidad de que nosotros, hombres de la Europa oriental, estemos en la vanguardia de este camino»<sup>69</sup>.

---

<sup>65</sup> *Idem, ibidem*, p. 295.

<sup>66</sup> *Idem, ibidem*, p. 318.

<sup>67</sup> MILOSZ – *La Pensée Captive...*, p. 70.

<sup>68</sup> *Idem, ibidem*, p. 64.

<sup>69</sup> MILOSZ – *Otra Europa...*, p. 343-344.

Neste sentido, Milosz conjecturava que «our time will be judged as a necessary phase of travail before mankind ascends to a new awareness»<sup>70</sup>. Entretanto, havia que trabalhar pela nova hierarquia de valores. Assim se entenda a sua reflexão sobre uma Europa de pátrias.

#### 4. Uma Europa de pátrias

Denunciando, apontando objectivamente, Czeslaw Milosz executa um labor de indução gnosiológica contra a violação do direito universal de povos e pessoas à individualidade. Criando uma memória histórica, comunicando um conhecimento, seja ele a diversidade cultural ou dos hábitos relacionais entre as múltiplas nacionalidades do leste europeu, seja a acção racista do nazismo sobre a região ou a destruição libertária do comunismo ao longo da segunda metade de Novecentos (depuração étnica, ideológica, intelectual e política), Milosz cria um fundo de verdade (ou referencial mnemónico) que instrui nos princípios da Paz e da Justiça e insta à auto e hetero preservação. Esperançoso e crendo na capacidade regenerativa de ideias íntegras, o seu discurso aponta irremediavelmente para a questão do futuro da Europa e para o seu destino como Europa de pátrias. Pode dizer-se, citando Edmund Husserl, que Milosz procura restaurar a confiança «num sentido da História, num sentido da Humanidade, na liberdade entendida como capacidade do Homem para prover de um sentido racional a sua existência individual e colectiva»<sup>71</sup>.

No ensaio *La Pensée Captive*, publicado em 1953, Milosz escreve sobre a falência do sonho da fundação da Federação dos Estados Unidos da Europa:

«Il est désagréable de renoncer au rêve d'une Fédération de peuples égaux, au règne des États-Unis de l'Europe où les diverses langues et les diverses cultures auraient les mêmes droits»<sup>72</sup>.

A importância destas afirmações merece algumas considerações relativamente às ideias e modos de pensar a construção da Europa na primeira metade do século XX. No período entre as duas guerras e no decorrer da Segunda Guerra Mundial, aqueles revestem três orientações: a construção da Europa numa base federalista, patente na criação dos Estados Unidos da Europa; uma união assente nos princípios da cooperação económica mediante a criação de uma união aduaneira europeia e de um mercado europeu; e, por fim, a instituição de uma união fundeada sobre as relações culturais inter-europeias<sup>73</sup>. No pós-guerra, coexistiam múltiplas representações teóricas da Europa: a federalista (que propõe uma federação sobre uma autoridade supranacional), a unionista (que projecta a confederação inter-estatal) e a cooperativa (que defende a cooperação entre

---

<sup>70</sup> MILOSZ – *Nobel Lecture...*

<sup>71</sup> Cit. por PINTO, F. Cabral – *A Formação Humana no Projecto da Modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, p. 9.

<sup>72</sup> MILOSZ – *La Pensée Captive...*, p. 41.

<sup>73</sup> Cf. RIBEIRO, Maria Manuela Tavares – *A Ideia de Europa. Uma Perspectiva Histórica*. Coimbra: Quarteto, 2003, p. 51-53.

os Estados)<sup>74</sup>. Em 1946, Winston Churchill apelava à criação dos Estados Unidos da Europa. Em Dezembro do mesmo ano, era criada, em Paris, a União Europeia dos Federalistas. No ano seguinte, sob influência de Churchill, instituiu-se o Movimento Europa Unida, apologista da cooperação intergovernamental. As organizações unionistas e federalistas uniam sinergias para traçar um plano para a unificação da Europa e, em 1948, realizava-se, em Haia, o Congresso da Europa para debater o processo de construção de uma Europa unida, desenvolvida e pacificada. Em 1949, na reunião de Agosto da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, os federalistas defendiam a instituição de uma autoridade política europeia. Em 1950, a mesma assembleia, presidida por Jean Monnet, aprovava a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço apresentada por Robert Schuman na Declaração de 9 de Maio<sup>75</sup>.

A Federação dos Estados Unidos da Europa que Milosz invoca deve ser compreendida neste contexto. Apesar de não discorrer em profundidade sobre ela, podemos verificar que se caracteriza pelo hibridismo entre a representação unionista e a cooperativa, sendo equitativa a autoridade entre os Estados. Não podemos deixar de fazer algumas considerações sobre o termo «federação» utilizado por Milosz. A realidade à qual, segundo o autor, se aplicaria este conceito, indiciando a inexistência de um centro político, difere da realidade que o termo federação define *de facto* (a institucionalização de um Estado vinculador/federal, integrante dos Estados federados). O termo exacto seria confederação (associação de Estados cooperantes, construída sobre o princípio da igualdade entre os Estados confederados, desvinculados entre si). Recorde-se que na altura em que escrevia sobre o assunto o debate em torno destes conceitos decorria de forma inconclusiva. Ademais, a Milosz interessava pensar a Europa numa perspectiva humanista e cultural e não tanto funcionalista<sup>76</sup>. De assinalar também que quando salienta, em 1953, a inexequibilidade da sobredita federação, alude ao facto da guerra-fria ter impulsionado a construção europeia na base da economia e da concertação de estratégias militares defensivas, afastando-se do ideal de uma Europa democrática, solitária e fraternamente federada. Milosz é muito directo nas críticas que faz, advertindo que a inoperância das democracias ocidentais fomentava os desígnios soviéticos de dominação global, com Moscovo a desejar avançar sobre o Ocidente. Por ora, a Rússia subjugava o leste, política e culturalmente:

«À ce moment toute l'Europe orientale [parle] [...] une langue universelle, le russe, et le principe «une culture nationale dans sa forme et socialiste dans son contenu» [désigne] dans le meilleur des cas l'unité monolithique d'une culture régie par le Centre, tandis que les divers pays ne conserveront que quelques ornements locaux comme folklore»<sup>77</sup>.

---

<sup>74</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 56-58.

<sup>75</sup> Vide, entre outros, BOSSUAT, Gérard – *Les Fondateurs de l'Europe*. Paris: Belin, 1994, p. 95-118 e 160-166; BALTAZAR, Isabel – «Os Estados Unidos da Europa: Uma Nova Europa em Tempo de (Segunda) Guerra». *Revista de História e Teoria das Ideias*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Vol. XIX: 2ª Série (2004) p. 319-349; SILVA, António Martins da – *Portugal e a Europa: Distanciamento e Reencontro: a Ideia de Europa e a Integração Europeia: Ecos, Reacções e Posicionamentos (1830-2005)*. Viseu: Palimage Editores; Coimbra: CHSC, 2005.

<sup>76</sup> KARPINSKI – «Czeslaw Milosz un Enfant...», p. 124.

<sup>77</sup> MILOSZ – *La Pensée Captive, ...*, p. 42.

Daí que afirme: «L'ère des Etats indépendants est peut-être close et de telles notions sont à reléguer au musée»<sup>78</sup>. A imposição soberana «d'une seule nation qui est encore, dans sa masse, sauvage et primitive» e a imposição do reconhecimento da «supériorité absolue de ses moeurs et de ses institutions, de sa science et de sa technique, de sa littérature et de son art»<sup>79</sup> afectava profunda e violentamente a identidade de nações singulares do leste. Era um facto. Mas afectava simultaneamente o sistema multicultural que a Europa, na sua essência, era.

Em 1983, Milosz, inspirado pelas ideias do escritor polaco Stanislaw Vincenz, falava da Europa como conjunto não de Estados, mas de pequenas pátrias<sup>80</sup>. Segundo ele:

«[...] As fronteiras dos Estados não correspondem ao sentido mais profundo de «estar enraizado». Os Estados são, mais ou menos, entidades abstractas, enquanto as pequenas pátrias, com um passado específico, estão certamente mais perto do coração humano»<sup>81</sup>.

O conceito milosziano de pátria é elaborado sobre a realidade histórica dos países do leste europeu, marcada pela complexa questão dos ódios nacionais. O forte sentimento nacionalista resultava numa afeição agregadora à «História de certo país, região ou cidade», avaliada «como parte da herança comum»<sup>82</sup>. Para Czeslaw Milosz, o nacionalismo constituía, por esta razão, «uma «bênção» ambígua», pois se apresenta «fraquezas e perigos», fornece também «uma espécie de cimento vinculativo»<sup>83</sup>. Naquela situação, resultava numa contínua reconfiguração territorial que apartava geopoliticamente «personas muy allegadas y empujó, en más de una ocasión, al hermano contra hermano» sem motivos válidos *per se*. Citamos Milosz:

«A qué habría que referirse para justificar todos esos esfuerzos? A la raza? Pero la mezcla de sangres polacas, lituanas y alemanas, de la cual soy un ejemplo, era general, y los partidarios de la «pureza racial» se exponían a muchos engaños. A la cultura? Pero el conjunto de los factores culturales se incorporaba a la [...] Polonia»<sup>84</sup>.

Este conjunto de factos, impulsionados por agentes sobranceiros às nações e vocacionados para a imposição de uma ordem étnica e geopolítica, culminavam num negativíssimo sentimento individual de desenraizamento e de apartamento face a uma comunidade e território partilhados. É, pois, significativo que no ensaio *La Terre d'Ulro* (1977) o autor constate que o desenraizamento pátrio convergia para o desenraizamento espiritual, lançando o indivíduo numa busca dupla:

---

<sup>78</sup> *Idem, ibidem*, p. 41.

<sup>79</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>80</sup> A ideia de uma Europa de pátrias foi também defendida pelo General Charles De Gaulle nos anos 60 (*vide* BOSSUAT – *Les Fondateurs de l'Europe...*, p. 217-240; RIBEIRO, Maria Manuela Tavares – *A Ideia de Europa ...*, p. 66-68).

<sup>81</sup> HUERTA – «Entrevista com Czeslaw Milosz...», p. 178-179.

<sup>82</sup> *Idem, ibidem*, p. 179.

<sup>83</sup> *Idem, ibidem*, p. 180.

<sup>84</sup> MILOSZ – *Otra Europa...*, p. 32.

«L'apatridie tribale et géographique correspond désormais à l'apatridie spirituelle de l'homme moderne et la recherche de la patrie, la recherche d'une Place, acquiert par là même une signification double»<sup>85</sup>.

Assim, para Milosz, o conceito de pátria, falido o princípio da inviolabilidade das fronteiras, extravasa os domínios da geografia física e política e valoriza os elementos promotores da filiação comunitária (a língua, a etnia, o território, a História e a cultura), dos quais crê depender o diálogo intergrupar na base da igualdade e mútuo apreço. Desta forma, como clarifica Fernando Catroga, é a «partir da ideia e do sentimento de pátria que comunidades e grupos narram a História que os identifica (e os constrói) como famílias alargadas e como comunidades étnico-culturais»<sup>86</sup>. A pátria é a «origem de todas as origens», filiando através do reconhecimento do dever de transmissibilidade que lhe é devido e que é assumido como uma herança e um destino<sup>87</sup>. Simultaneamente, sobre a pátria recai a função mor de ceder protecção e segurança existencial a uma colectividade, garantindo, com recurso a símbolos, mitos e prédicas mais ou menos imaginárias, a respectiva auto-representação, sem a qual não poderia (sobre)viver<sup>88</sup>. Milosz argúi:

«And yet perhaps our most precious acquisition is [...] respect and gratitude for certain things which protect people from internal disintegration and from yielding to tyranny. Precisely for that reason some ways of life, some institutions became a target for the fury of evil forces, above all, the bonds between people that exist organically, as if by themselves, sustained by family, religion, neighborhood, common heritage»<sup>89</sup>.

Na Europa de Leste, Moscovo conseguiu erigir um poder institucionalizado sobre Estados e respectivas populações, agregando-os sob a grande fronteira externa da União e rasando ao máximo possível os *limes* internos. Para o efeito, construiu um poderoso monopólio da violência, uniformizando e plasmando a Grande Rússia. Milosz alerta: «In many countries traditional bonds of *civitas* have been subject to a gradual erosion»<sup>90</sup>. Se em algumas zonas esta realidade acontecia sem que os habitantes se apercebessem, no leste, decorrendo uma situação de perigo extremo, «a protective, life-giving value of such bonds reveals itself»<sup>91</sup>. Milosz entendia, como se verifica, que as raízes e os laços pátrios possuíam a profundidade necessária para desencadear acções de protecção e de reacção face a qualquer imposição externa niveladora. Em suma, o sentimento de pátria constituía a melhor arma contra a volatilidade óptica, exogenamente induzida, das pátrias do leste europeu.

---

<sup>85</sup> Cit. por ZALESKI, Marek – «Les Confins dans la Littérature Polonaise Contemporaine: Mise en Garde, Promesse ou Défi?». In BEAUVOIS, Daniel (édition de) – *Les Confins de L'Ancienne Pologne...*, p. 223.

<sup>86</sup> CATROGA, Fernando – «Pátria, Nação, Nacionalismo». In TORGAL, Luís Reis; PIMENTA, Fernando; SOUSA, Julião Soares (coord.) – *Comunidades Imaginadas: Nação e Nacionalismo em África*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008, p. 10.

<sup>87</sup> Cf. *idem, ibidem*.

<sup>88</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 24.

<sup>89</sup> MILOSZ – *Nobel Lecture...*

<sup>90</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>91</sup> *Idem, ibidem*.

Ao clamar por uma Europa de pátrias, Milosz prevê que, em cada pátria, os indivíduos exerceriam os devidos direitos e deveres de cidadania, acentuando o carácter cívico da mesma, decorrente do contrato político e social voluntariamente estabelecido entre os cidadãos e por eles estabelecido segundo os ideais da liberdade, igualdade e interesse da vontade geral<sup>92</sup>. Essa poderia ser a solução para os problemas suscitados pela reclamação do direito à autodeterminação política por várias nacionalidades da Europa ocidental e oriental contidas em Estados políticos supranacionais e/ou nacionalizadas. Eis, assim, porque Milosz escreve: «A la place de la patrie dont les hommes éprouvent aujourd’hui la nostalgie, on leur propose un Etat»<sup>93</sup>. E esta era a grande inovação da Europa conjunto de pátrias: coexistência e relacionamento de Nações-Estado e não de Estado-Nações. Reconhece, contudo, que a sua concretização somente poderia ocorrer num «futuro remoto»<sup>94</sup>. Até lá, haveria a criar uma plataforma de entendimento e compreensão que sustentasse a sua construção, apostando-se numa educação esclarecida e cosmopolita e num diálogo multiculturalista.

## Conclusões

Czeslaw Milosz não reflectiu a Europa como politólogo. Preocupou-o sobretudo que não se perdesse no esquecimento a realidade vivida no Leste europeu, denunciando a degradação humana e a escravização que tão facilmente ali ocorria sob o *imperium* dos totalitarismos. Importante no processo reflexivo milosiziano é o mito dos confins orientais, do qual o autor recupera o ideal de coexistência pacífica entre comunidades étnico-culturalmente diferentes, reagindo contra o fundamentalismo totalitário, incompatível com uma sociedade cívica e política livre. Milosz realça a dimensão futurível do mito: algo que não acontece mas que ininterruptamente espera que aconteça. Ao fazê-lo, acalentou a esperança de mobilizar a Europa para soluções inovadoras do ponto de vista relacional. A sua Europa de pátrias encomia os sentimentos de pertença e de enraizamento, taticamente suspensos num leste cada vez mais soviético. A Europa milosiziana surge, em suma, como alternativa a uma Europa instável e como solução para a superação do dualismo europeu. Todavia, no tempo presente, ainda a expectativa: conseguiu-lo-á a União Europeia ao alargar-se ao leste? Conseguirá o leste integrar-se, superando europeisticamente ressentimentos pretéritos?

---

<sup>92</sup> Sobre a questão das pátrias cívicas *vide* CATROGA – «Pátria, Nação, Nacionalismo»..., p. 11-26.

<sup>93</sup> Cit. por ZALESKI – «Les Confins dans la Littérature Polonaise Contemporaine...», p. 223.

<sup>94</sup> HUERTA – «Entrevista com Czeslaw Milosz...», p. 179.